



**Gabinete do
Arcebispo Primaz**

DISCURSO

Ref. DSC_20/2015

Discurso no encontro de Natal do Clero

Braga, Auditório Vita, 22.Dez.2015, 11h

Recados de alma em tempo de Natal

- 1. Discípulo em fidelidade evangélica para uma missão misericordiosamente alegre**
- 2. O Amor de Deus igual em todas as épocas mas com necessidade de expressar-se diferentemente na mudança civilizacional que vivemos.**

Somos Igreja particular que cresce em permanente comunhão com o Papa Francisco. Mas, individualizamos o que nos caracteriza na História e no presente. A missão é única com as particularidades que nunca poderemos negligenciar.

Com todo o Povo de Deus – e na responsabilidade de nos sentirmos referência – trabalhamos para ser discípulos missionários. Com alegria seguimos, aqui e agora, Cristo e com entusiasmo desempenhamos uma tarefa que não é nossa mas Sua. Quero recordar quanto disse na abertura do Ano Santo da Misericórdia. “Fulget Ecclesia non suo sed Christi Lumine”. Ou seja, “a Igreja ilumina não com a sua luz mas com a luz de Cristo”. Para que isto aconteça teremos de colocar diante de nós duas figuras que, na sua simbologia diversa, nos devem acompanhar durante este Ano Santo.

- 3. Amor que cresce e se alimenta conhecendo o dom de Deus (Samaritana) e carregando a humanidade nas suas enfermidades (Samaritano). Dois ícones que questionam a vida espiritual (pessoal, retiros, experiências fortes de oração) e descentralizam a pastoral para partir ao encontro de todos e não contentar-se com os “bons”.**

A Samaritana é a mulher com sede mesmo tendo o poço e o balde. Só que não tinha conhecido o dom de Deus na sua grandiosidade e simplicidade. Poderemos ser homens que possuem muitos poços e baldes mas que não conseguem experimentar o verdadeiro dom capaz de matar a sede de modo que não se precise de tirar água em coisas acessórias e de valor secundário. A leitura de João 4, 1-16 pode e deve ser fonte de verdadeira conversão para que sejamos discípulos nesta hora.

O Samaritano coloca-nos noutra perspectiva perante o ministério a realizar. Somos enviados para o mundo e aí encontramos homens e mulheres feridos por muitas doenças. Carregar, colocar aos ombros as histórias e os problemas da humanidade é a nossa missão. É preciso estar sempre disponível para atender mas não é suficiente. Só uma vida descentrada de si e de interesses materiais ou humanos consegue aperceber-se do mal que nos circunda e do bem a realizar que espera por nós.



Criando a aliança entre a Samaritana e o Samaritano seremos Missionários da Misericórdia ou sacerdotes da Misericórdia. O nosso sacerdócio passa por aí e os apelos são mais que muitos e nunca os poderemos ignorar.

O Papa Francisco é modelo neste estilo actual de ser padre. Só quero recordar o que disse na sua primeira entrevista à *Civiltà Cattolica*. “Vejo com clareza que o que a Igreja necessita hoje é de capacidade de curar as feridas e dar calor aos corações, aproximação, presença” e de “encarregar-mos das pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano, que lava, limpa e consola o seu próximo” e, por isso “importa caminhar com as pessoas pela noite fora, saber dialogar e até descer à sua noite e à sua obscuridade sem nos perdermos.”

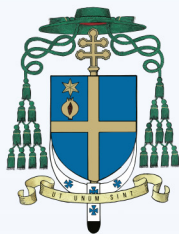
Para que o Ano Santo seja algo de importante para as pessoas que nos estão confiadas, deve, em primeiro lugar, ser para nós sacerdotes e, para isso, teremos de redescobrir o que significa curar e descobrir as feridas para consolarmos os corações e ajoelharmo-nos perante as misérias humanas, limpando-as e lavando-as. São verbos com uma carga interpelativa fenomenal. Em simultâneo, deveríamos descobrir a noite da modernidade com os seus enigmas e reaprender a caminhar pela noite dentro, descendo até ela sem perdermos o tesouro que levamos em vaso de argila. Saber estar na noite moderna é a nossa missão. A grande arte da vida pastoral está no diálogo com a cultura desprovida de valores e referências e partir para levar uma proposta que seja de verdadeira salvação.

Para ser, hoje, sacerdotes da misericórdia teremos de acolher dois alertas deixados pelo Concílio Vaticano II. O perigo do eclesiocentrismo e do clericalismo. São duas realidades que podem encontrar muitas desculpas nos nossos pensamento e linguagem mas nunca exprimem o verdadeiro espírito evangélico que deve caracterizar o nosso ministério.

4. O perigo de um eclesiocentrismo enganador. A Igreja não está no centro da sociedade; a Igreja deve incarnar-se no quotidiano, doloroso e alegre, corporal e espiritual, das pessoas.

O eclesiocentrismo surge quando tudo se encerra na igreja fechando-a ao mundo. Preocupa-se muito com o culto e catequese mas não se cuida da incidência do Evangelho no real da História. Deus montou a sua tenda no meio dos homens e devemos continuar o percurso de interesse por tudo quanto é humano. Alguém referia ser importante subir ao alto das nossas torres para ver todos os caminhos e histórias dos seres humanos residentes na paróquia sem excluir ninguém. Mais ainda, urge ver todos os que se afastaram ou nunca entraram na Igreja e ir ao encontro para mostrar um rosto de misericórdia que seja apelativo sem imposições. Onde se encontram as ovelhas aí está o pastor. Acolher e visitar doentes, presos, marginais, situações irregulares manifesta a alma de uma Igreja que não se facha nela mas que quer ser de coração aberto e desinteressado para dar dignidade a todos os seres humanos.

5. A ilusão de um centralismo no sacerdote em desconsideração ou menosprezo pelo Povo de Deus. Somos comunhão de corresponsáveis. Com formação não há receio. Os movimentos são graças a estimular ou revitalizar, rejuvenescendo-os e enriquecendo-os com pessoas de ambientes intelectualmente evoluídos. A Igreja está nos ambientes



de vida das pessoas e aí deve ser “sal” e “luz”.

Por outro lado, importa fazer um profundo exame de consciência sobre se já somos Igreja como Povo de Deus numa dinâmica de verdadeira corresponsabilidade. O baptismo é a porta comum de ingresso dos cristãos que orienta para um discípulo missionário. É fácil cair num clericalismo centralizado e manipulador por parte do clero e, algumas vezes, por alguns leigos. A desculpa da possibilidade de algumas incoerências ou aproveitamentos não vale. Com a formação adequada – humana, cristã, pastoral e intelectual – a acção eclesial é sempre adequadamente oportuna e identificadora da nossa verdadeira identidade.

Talvez tenhamos de reconhecer que se perdeu muito do ardor missionário ou da militância laical e isto por interpretações nem sempre evangélicas. Os movimentos eclesiais são este local de espiritualidade aliada ao compromisso e devem ser estimulados e revitalizados abrindo-os à juventude e a pessoas com habilitação académica e profissional. A pastoral responde, ou deve responder, aos problemas e estes são diversificados segundo os ambientes de trabalho. Saber que existem verdadeiras células de ambiente é garantia de fermentação evangélica da sociedade por parte da comunidade.

6. A Voz da Catedral(I). A Igreja Mãe gera através de uma única cátedra para uma missão pluriforme. São pedaços que poderão enriquecer, em termos de Igreja, sacerdotes e leigos.

Gostaria de fazer outra referência como símbolo. Durante os últimos anos editei dois volumes – e o terceiro está para sair – a que dei o título “A Voz da Catedral(I) – rumo à unidade. Não faço publicidade. Manifesto uma intenção. A Catedral é Igreja mãe que gera vida quando se torna Cátedra provocadora de iniciativas diversificadas mostrando uma unidade pluriforme. Trata-se de uma convicção profunda. Num mundo de barreiras e desconfianças a Igreja pode ser a alternativa, apresentando-se não como sociedade hierárquica mas como comunhão de vida e de missão. Conhecer o pensar do pastor – deste ou de outro – é caminho a percorrer. Podemos pensar que não temos tempo para ler. Podemos motivar os nossos leigos e reconhecer que os capítulos podem ser migalhas a comer em intervalos vazios que muito podem enriquecer a vida pessoal e eclesial.

Deixo estes recados de alma. Não são pedidos nem avisos. Não é um discurso nem um trabalho académico. É uma abertura de comunhão num desejo de que o Natal seja festa de uma família eclesial, reunida e motivada para um discipulado coerente e uma missão corresponsavelmente alegre, sempre como Povo de Deus em formação permanente para discernir os sinais mais eloquentes da misericórdia de Deus para com os homens e dos homens entre si.

Ser sacerdotes da Misericórdia numa experiência mais profunda (tocada e sentida) do amor de Deus e num refletir esse amor – em gestos e atitudes - que partindo das graças sacramentais percorrem os caminhos existenciais das pessoas.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*